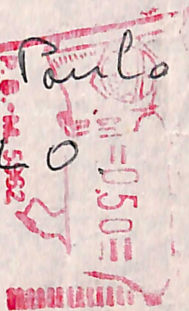


Prof. MARIO SCHEMBERG

AV. dr. ARNALDO, 2050.

Sumaré-S. Paulo

SÃO PAULO



VIA AÉREA
PAR AVION

Remetente:

M. Magnus

Enderêço:

R. Boa-Hora, 185 - Varadouro - Arica - Pe.

Oito poemas do tempo e um para Wittgenstein - de Montez Magno

1. Não sei o que fazer do meu tempo.
O que é o tempo?
Não sei.
Então não há nada mesmo a fazer.
2. O tempo -
estou quase a tocá-lo
com a minha mente,
Mas como ele é escorregadio!
3. Não adianta pensar sobre o tempo.
Com ou sem o teu pensamento
ele não é a mesma coisa.
4. O tempo no tempo
continúa a ser tempo.
O tempo e o não tempo
também são tempo.
Como vês são apenas palavras.
5. Tiro de dentro de mim
o tempo,
como o mágico tira
de dentro de sua cartola,
lenços e lenços, amarrados,
infinitamente.
6. Vi-o, o tempo,
desfilando em minha mente.
Não deixou nenhum rastro.

7. Como é sintético o presente!
Como é infinito o futuro!
Como é longínquo o passado!
E como é vazio tudo isto!
8. Posso não saber muitas coisas
sobre a vida,
mas tenho certeza
de que perco muito tempo
procurando sabê-las.

Poema para Wittgenstein

Se nem na solução há solução,
então onde está o problema?

Ligeiro êrro de ortografia (em vez de out-door escrevi out-dour, lembra-se?)
deu-me a dica para o título geral do trabalho ilustrativo do meu poema
"Os pássaros": OUT-DOUR in OUT-DOOR. Subtítulo "Os pássaros". Segundo
subtítulo: Canto à Liberdade. Este é o segundo trabalho em série que
realizo. O primeiro foi a série ROSEBUD, de 1973. Chamo de interferen-
cias este tipo de atuação artística, pois interfiro nas formas de arte
publicitária (cartazes de rua, out-door) retirando-as de seu circuito
coletivo comercial-publicitário, transmutando-as (os) em forma de atua-
ção artística individual e depois colocando-as(os) em novo circuito cole-
tivo (museus, galerias) alterando fundamentalmente o conteúdo ou mensagem.
OUT-DOUR in OUT-DOOR era um cartaz de rua da Telefunken que eu transfor-
mei em uma exaltação poética lítero-visual da liberdade humana, simboli-
zada pelo vôo livre no infinito pontilhado de miríades de estrelas, nebu-
losas, galáxias, de pássaros brancos sôbre o fundo do espaço cósmico em
noite eterna. Mas, repare bem, a liberdade aqui representada, é a liber-
dade total, principalmente a interior, a de poder-se ou se poder ser en-
quanto ser, de todas as maneiras possíveis, em todos os níveis de vida.
Com um abraço de

Montez Magno

Montez Magno

Poema cheio de contradições, de incertezas e de perguntas para Kierkegaard.

Tudo é tão claro neste canto da Terra
onde vivo,
(claro de luz e sol, menos de consciencia),
que me prolongo na noite
como os gatos da rua onde moro
costumam estender suas vigílias.

Tudo agora é tão calmo,
às duas horas da manhã,
que sinto a dor e o sibilo do silencio
impregnar meus olhos de avisos,
de escutas, de alertas, de desertos
pensamentos sobre o nada.

De tudo restará só a essência
deste momento breve e lúcido
poema tão noturno e transitório.
Pois o tempo se apressa e o
relógio registra as duas horas
e mais quinze minutos transcorridos
intangivelmente.
Deveras o tempo não se fixa,
nem a memória apura
tudo que pensei fôsse matéria
firme e não gasta pela ausência.

Olho continuamente o vazio desta janela
sobre a qual me debruço e me/limito
com o mundo tal e qual o vejo:
agônico e estridente.

agônico -

Tudo o mais será incerto
amanhã no qual repousa, aberta,
a boca do tempo, insaciável e muda,
arfante a sua língua, infinita
estrada onde desfilam

os carros da utopia, o trem fantástico
da HISTORIA UNIVERSAL COMPANHIA ILIMITADA
que há milênios trafega
por labirintos e túneis, mais túneis todavia.
Pois te pergunto, companheiro de viagem,
tú que estás agora sentado no último vagão:
daí de onde estás consegues ver, acaso,
o que vai na frente?
O que nos leva, o que nos guia
(ou desguia?), que nos arrasta, nos atrai
para onde?
Sabemos, por acaso, da próxima estação?
Pergunta a Robert Yungk, até mesmo a Hermann Khan
se haverá parada ou se algum desvio
eletrônico, algum feedback
~~para~~ por fim nos levará a salvo
para algum Shangri-lá inatingido.
Sai do teu banco e percorre todo o trem
e pergunta também a teus irmãos, um por um,
se viveram algum dia livres,
satisfeitos, alegres, felizes
ou simplesmente em paz.
Pergunta a todos eles quem é o maquinista,
que companhia é esta que nem sequer roteiro
oferece aos que ocupam os seus carros
e poltronas e leitos, mais leitos que poltronas,
pois não vês que a maioria dorme,
que poucos olham pelas janelas,
que poucos ouvem os silvos pavorosos,
que poucos percebem os sinais
que margeiam a estrada?
Ou será que não há mais maquinista
e que agora algum controle remoto, cibernético,
simplesmente, automaticamente,
cumpre a sua tarefa?

Sei, no entanto, que lá fora, alguma pedra
nos contempla.

Sei que lá fora algum átomo trabalha,
sem que nos campos os cogumelos cresçam,
e as nuvens se enroscam e ensaiam

novas formas e novos contornos
preunitórios.

Sei que estamos sós nesta grande travessia
e não podemos deter o maquinista.

Ou podemos?

Ou tudo não passará de ilusória
visão do real, subordinada
às nossas antústias e desesperos
e por isto não vemos, não
sentimos, não percebemos
que somos nós o maquinista,
que somos nós o condutor
do nosso próprio destino?

Se "a mão do tempo escreve,
e tendo escrito nada mudará
o que escreveu",
então quem sou para me julgar
dono e senhor do meu destino?

De tudo resta apenas a incerteza,
principio geral talvez codificado
na angustiada alma humana.

Montez Magno

Olinda, 8-1-1975.